

Um paraíso perdido na fronteira: representações e intervenções de Euclides da Cunha que marcaram a Amazônia brasileira

A paradise lost on the frontier: representations and interventions by Euclides da Cunha that marked the Brazilian Amazon

Un paraíso perdido en la frontera: representaciones e intervenciones de Euclides da Cunha que marcaron la Amazonia brasileña

Livio Sergio Dias Claudino

Doutor em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Professor-Pesquisador e Extensionista da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará –

UNIFESSPA.

livio.claudino@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-1261-1533>

Recebido: 28/11/2023; Aceito: 17/01/2024; Publicado: 16/12/2024.

Resumo

Euclides da Cunha foi um brasileiro destacado em diversas áreas das ciências, sendo marcante a sua descrição do interior do país, tendo produzido formas específicas de olhar e de intervir sobre os recursos, os territórios e as populações (natureza e cultura) da Amazônia ao longo do século XX. O texto apresenta Euclides e parte da sua obra sobre a Amazônia, analisando as representações produzidas, buscando compreender os efeitos dos seus escritos sobre as formas de ver e intervir sobre a região, cotejando uma provocação sobre as noções de fronteira desde então. A metodologia foi a revisão bibliográfica não sistemática, tanto em obras originais de Euclides quanto nos textos de seus comentaristas e críticos. Como principais resultados, destacamos o pioneirismo e a relevância da obra de Euclides para a construção de uma representação distinta sobre a Amazônia, rompendo com algumas visões dos expedicionários anteriores e produzindo novos discursos e imagens que foram utilizados ao longo do século XX em diversas frentes de intervenção.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; Amazônia; Fronteira; Discursos.

Abstract

Euclides da Cunha was a Brazilian outstanding in several areas of science, his description of the interior of the country being remarkable, having produced specific ways of looking at and intervening in the resources, territories and populations (nature and culture) of the Amazon throughout of the 20th century. The text presents Euclides and part of his work on the Amazon, analyzing the representations produced, seeking to understand the effects of his writings on the ways of seeing and intervening in the region, comparing a provocation about the notions of borders since then. The methodology was a non-systematic bibliographic review, both in Euclid's original works and in the texts of his commentators and critics. As main results, we can highlight the pioneering spirit and relevance of Euclides' work for the construction of a different representation

of the Amazon, breaking with some views of previous expeditioners and producing new discourses and images that were used throughout the 20th century on several fronts of intervention.

Keywords: Euclides da Cunha; Amazon; Frontier; Discourses.

Resumen

Euclides da Cunha fue un brasileño destacado en varias áreas de la ciencia, destacando su descripción del interior del país, habiendo producido formas específicas de mirar e intervenir en los recursos, territorios y poblaciones (naturaleza y cultura) de la Amazonia a lo largo de todo el siglo 20. El texto presenta a Euclides y parte de su obra sobre la Amazonía, analizando las representaciones producidas, buscando comprender los efectos de sus escritos sobre las formas de ver e intervenir en la región, comparando una provocación sobre las nociones de fronteras desde entonces. La metodología fue una revisión bibliográfica no sistemática, tanto de las obras originales de Euclides como de los textos de sus comentaristas y críticos. Como principales resultados, podemos destacar el espíritu pionero y la relevancia del trabajo de Euclides para la construcción de una representación diferente de la Amazonia, rompiendo con algunas visiones de expedicionarios anteriores y produciendo nuevos discursos e imágenes que se utilizaron a lo largo del siglo XX en varios frentes de intervención.

Palabras clave: Euclides da Cunha; Amazonia; Frontera; Discursos.

Introdução

Sigamos — no nosso antigo e esplêndido isolamento — para o futuro; e, conscientes da nossa robustez, para a desafronta e para a defesa da Amazônia, onde a visão profética de Humboldt nos revelou o mais amplo cenário de toda a civilização da terra (Euclides da Cunha. *Contrastes e confrontos*, 1904).

Entre os mais célebres escritores brasileiros que influenciaram as teorias de interpretação social no século XX, Euclides da Cunha (1866-1909) ocupa um lugar de destaque. Nicolazzi (2010) indica que Euclides instigou o pensamento de importantes intelectuais, como Gilberto Freyre, tornando-se uma sombra difícil de ser ultrapassada ao longo de todo o aquele século, entre aqueles que se propunham à compreensão sociológica do Brasil. Além de Freyre, Nicolazzi seleciona algumas citações importantes como as de Florestan Fernandes e Antônio Cândido, que destacaram a relevância da obra euclidiana para a demarcação de um campo de pesquisas na sociologia do Brasil, salientando a tênue fronteira entre a literatura e a pesquisa social que, em Euclides, permitiram situar o início da Sociologia nacional. Já Miguel Reale (2017), demonstra que Cunha talvez seja o brasileiro precursor da Filosofia das Ciências nacional, fornecendo um esboço da Filosofia Política em sua obra.

Trata-se de um intelectual com inserções profissionais bastante diversas, já que entre as atribuições, era militar, engenheiro, sociólogo, jornalista. Diversas biografias apontam que o carioca – nascido no morro do Cantagalo, Rio de Janeiro, fora físico, naturalista, filósofo, geógrafo, historiador, zoólogo e botânico. Em termos de influências

recebidas, mas ressignificadas, Lima (2000), que elaborou uma densa biografia, relata que Euclides foi aluno do positivista Benjamin Constant, em 1883, sendo ele mesmo favorável à implantação da República (que ocorreu em 1889). Sua principal fama e reconhecimento advém da obra *Os Sertões*, conforme veremos abaixo, sendo possível aprofundar o entendimento nos textos de Gomes (2005) e Teles (2011). Até então, no cenário de compreensão do mundo social brasileiro, eram os escritos literários que se ocupavam da representação da realidade nacional. Euclides viria a ser um marco divisor dessa forma de representação.

Tendo em vista essa breve apresentação, este artigo apresenta a obra de Euclides da Cunha, mais especificamente aquela voltada para a Amazônia, discutindo como o pesquisador e ensaísta social em sua breve passagem pela região amazônica contribuiu na construção de um olhar específico, mesclando suas noções oriundas de outras partes do Brasil, em especial do Nordeste, esboçando de maneira pioneira a noção de fronteira que viria a se fortalecer muitas décadas depois, produzindo e influenciando importantes representações e também ações políticas que se fazem perceber desde então.

A hipótese levantada é a de que o autor que acompanhou e relatou a Guerra de Canudos possui uma obra e posicionou intervenção que foram capazes de produzir e fomentar uma representação da Amazônia brasileira, afetando o modo posterior de ver e agir sobre a região, sua população/sociedade e natureza, inclusive nas ações políticas destinadas ao local muito tempo depois. Sua obra tornou-se um marco da gestão territorial sobre a Amazônia.

A partir dos elementos apresentados, o objetivo geral deste trabalho é analisar a obra de Euclides da Cunha discutindo principalmente sua produção realizada durante a curta estadia na região em busca de compreender se e como seus escritos tornaram-se relevantes na construção de um imaginário sobre a Amazônia, afetando os modos posteriores de ver e pensar sobre a região. Como objetivos específicos apresentamos elementos biográficos da vida e obra do autor; discutimos sua visão sobre a Amazônia e suas populações, bem como os problemas que ele relata; e, analisamos as influências desses escritos na produção de uma representação da Amazônia.

A obra do autor em questão produziu um forte impacto nos conhecimentos sobre as ciências, inclusive numa ciência política, ou podemos dizer, numa Filosofia Política nacional, com foco na questão da Amazônia ainda no início do século XX. Discutir sobre esses escritos deve permitir apreender mais sobre questões que nos afetam até os dias de hoje, como o fato da região ser vista quase sempre como “vazio demográfico” e reserva de recursos. Conhecer as origens das primeiras interpretações sociológicas e filosóficas sobre a

região pode nos fornecer formas de reconhecer investidas colonizadoras e também traçar melhores estratégias de lidar com o futuro.

A metodologia adotada consistiu em uma revisão não sistemática da literatura, tendo por critério a seleção de textos originais do autor, pesquisa bibliográfica em livros, revistas e outros meios escritos de críticos e comentaristas da obra de Euclides. Foi feito um levantamento dos textos produzidos sobre a Amazônia e posterior seleção, seguido da leitura e análise destes, cotejando sempre com uma literatura de apoio, incluindo os principais comentadores.

O texto está dividido em 3 partes, incluindo a introdução acima. Em seguida o tópico de desenvolvimento, onde são apresentadas a vida e a obra específica, ponderando uma análise, correspondendo ao que podemos chamar de resultados e discussão. Por último, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

Amazônia: a fronteira como um paraíso perdido que ainda era deserto e um vazio a ser preenchido

Em seus escritos, Euclides, sempre se preocupou com a produção de uma representação da realidade nacional, algo que inquietava praticamente todos os seus contemporâneos. Para Nicolazzi (2010, p. 255–256), que chama Euclides de “escritor-engenheiro”, a sua obra é feita “como um “consórcio entre ciência e arte”, e foi utilizada [...] “também como definidor[a] de posturas intelectuais distintas”.

Definia porque, à vista de alguns intelectuais da época, Euclides n’Os sertões, conseguiu trazer a literatura para a realidade, rompendo um mundo particular da literatura, que à época tinha como grande expoente Machado de Assis. Dessa forma, Euclides foi colocado em oposição a Machado como formador de um jeito particular de envolver letras e política (ATHAYDE, 1924 *apud* NICOLAZZI, 2010).

E essa foi uma diferença fundamental que elevou o patamar de Euclides, pois, na primeira metade do século XX, a construção literária esteve amplamente empenhada em buscar “ultrapassar o absenteísmo” predominante por meio da “tomada de posição”, a fim de colocar a “literatura numa posição de inventário da sociedade, espécie de documento privilegiado do social”, e foi bem o que o escritor carioca fez (NICOLAZZI, 2010).

Tratava-se também de um momento de fundação da historiografia no Brasil e, devido ao fato do autor de Os sertões conferir um “papel decisivo à geografia como elemento modelador das diferenças regionais, defendendo o expansionismo territorial e o

sertanismo, Euclides se transform[ou] numa espécie de escritor-modelo do Estado Novo” (VELLOSO, 1988, p. 258 *apud* NICOLAZZI, 2010, rodapé 5).

O próprio Gilberto Freyre afirmou que, com sua literatura, Euclides traçou um retrato em profundidade integrando totalmente o homem à paisagem de tal forma que não seria possível mais serem separados. Nas palavras de Freyre: “Euclides nunca põe diante de nós simples e perfeitas fotografias nem de [...] seringueiros e de seringais. [...]. Mesmo porque seu forte nunca foi procurar acentuar as cores dos homens e das paisagens; e sim as suas formas”. Completando esses elogios, continua: o perfil antropológico do sertanejo que Euclides elaborou “nem três Nina Rodrigues reunidos teriam sido capazes de levantar” (FREYRE, 2011, p. 80 [1944]; CUNHA, 1966, p. 28).

A brasilidade de Euclides sempre fora exaltada, especialmente devido à sua obra demonstrar a preocupação com os problemas dos interiores do Brasil, desde os sertões nordestinos até os locais considerados recônditos da Amazônia, sendo ele um “revelador da realidade brasileira”. Para Freyre, Euclides, o “caboclo, além de engenheiro” e “ecologista social” foi um marco indispensável às obras de integração da Amazônia ao país (FREYRE, 2011, p. 74).

Com essa soma de elogios, respaldados por inúmeros expoentes da *intelligentsia* brasileira ao longo do século XX, não é de se estranhar que sua obra ainda ecoe em importantes decisões políticas atuais. Desde o século passado, Euclides tem sido retomado em inúmeras exposições e conferências. Por exemplo, a Exposição em memória ao centenário de seu nascimento (BIBLIOTECA NACIONAL, 1966), e outra que ocorreu em 2009, no Rio de Janeiro.

Na apresentação do catálogo dessa última exposição, o presidente da Associação Biblioteca Nacional, Muniz Sodré, reiterou que a “sombra” de Euclides ainda está projetada nas discussões atuais em temas como o “da transposição do Rio São Francisco [...], do eterno drama da seca, da biodiversidade e suas fronteiras, [e] o lugar da Amazônia no quadro de um crescimento sustentável” (DA CUNHA; FABIO, 2009). Quer dizer, a obra euclidiana ainda influencia discursos e decisões políticas, e devem indicar que elementos do regime de governo que ele anunciava ainda estão em vigor.

Voltando a argumentação à primeira metade do século XX, pode-se constatar que a atividade dos intelectuais esteve direcionada ao estabelecimento de um olhar introspectivo para os problemas nacionais, tanto no plano da literatura quanto da interpretação histórica, em busca de “decifrar” a nação. E nesse momento os escritos de Euclides serviram de inspiração a esse olhar para o interior. Conforme relata Nicolazzi (2010), Freyre retomou constantemente aos escritos de Euclides, por exemplo, na conferência à Biblioteca do

Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 29 de outubro de 1940, quando optou por falar sobre “a atualidade de Euclides da Cunha”.

Naquela época, os escritos euclidianos passaram por uma revitalização, estabelecendo-se como exemplos para a geração de intelectuais implicados nos “problemas brasileiros, ao mesmo tempo em que propiciava elementos para a defesa erudita dos projetos políticos de expansão para o Oeste e para o interior do país” (NICOLAZZI, 2010, p. 266). Freyre tentou explicar que Cunha tinha um “espírito” similar ao dos bandeirantes ou dos desbravadores interioranos, nômades e conquistadores, por isso a sua maior atenção ao sertanejo “expatriado” em sua própria pátria (FREYRE, 2011; NICOLAZZI, 2010).

Nesse sentido, a potencialidade da intervenção de Euclides residia no olhar interessado pelo Brasil do interior, o Brasil distante, contraposto ao Brasil do “litoral”. Dessa feita, as noções de tempo e distância em Euclides passaram a fundamentar e se constituírem elas mesmas objetos de estudos. Distância, que não era apenas geográfica, mas que entrelaçava-se à noção de tempo, que não era cronológico, e formavam um conjunto que permitia analisar os diversos sertões brasileiros como sempre atrasados e afastados.

Em contrapartida, como a interpretação de tempo em Euclides tendia a rupturas e não às continuidades, os processos de “civilização” poderiam ser induzidos nesses lugares afastados (NICOLAZZI, 2010), a partir de intervenções. Aí vemos elementos do positivismo predominante à época. Como bem destacou Ventura:

Euclides da Cunha escrevia em favor do homem e do meio-ambiente. Mas pregava a marcha inexorável do progresso e da civilização, ao defender a absorção do indígena e do sertanejo pelas raças e culturas tidas como superiores. Sonhava com a integração dos sertões à história, cujos limites e fronteiras estariam em contínua expansão (VENTURA, 1993, p. 45).

A experiência traumática em Canudos já indicava que a ação do governo (republicano) deveria levar a “civilização” por meios estruturantes como educação e integração, e não pela destruição e combate daqueles localizados “às margens da história”, como o Exército fizera no arraial (NICOLAZZI, 2010). No arraial de Canudos, o escritor chegou com a visão do “homem do litoral”, comparando os sertanejos a símios e cobras (CUNHA, 2003 [1897]), mas após alguns contatos com populares nordestinos, conforme relata Lima (2000, p. 19), houve uma mudança no pensamento de Euclides, e esse começou a “surpreender-se” com a força e robustez do sertanejo, que passou a ser visto pelo escritor como “um contingente humano a ser incorporado à nação”; algo de bruto e mais próximo das origens primitivas, porém necessários ao país. Evidentemente que essas experiências

foram importantes para a relação que o escritor estabeleceu com os grupos amazônicos anos depois.

Freyre, por exemplo, considerava que o “brasileiro-ideal” de Euclides era o sertanejo completado pelo seringueiro, sendo esse “ser ideal” tipo um meio termo entre o burguês e o proletário, não podendo ser reivindicado como representante de uma classe ou de outra. Era “nos admiráveis caboclos do Norte” que ele via o futuro da Amazônia, pois esses seriam capazes de sobrepujar os estrangeiros que tentassem se estabelecer nas terras dos seringais (FREYRE, 2011; CUNHA, 1966, 1994).

Porém, para isso, nas palavras de Freyre, era preciso que “o engenheiro amparasse, sob o comando de um governo consciente de sua missão, aqueles bravos, na sua obra de integração da Amazônia ao conjunto nacional brasileiro; e os amparasse pondo-os em intimidade permanente com o resto do país “através de comunicações fáceis”: além de estradas de ferro, “a aliança das ideias, de pronto transmitidas e traçadas na inervação vibrante dos telégrafos” (CUNHA, 1966, p. 23).

O brilhantismo da obra *Os Sertões* - lançada no final de 1902 e já um grande sucesso em 1904 -, assegurava um lugar de destaque para o expedicionário, que se considerava um “Jeremias” daqueles tempos, fazendo provável alusão ao fato de fazer denúncias sobre o seu próprio povo, conforme ele mesmo escreveu em uma carta a Coelho Neto, desde Manaus, em 10 de março de 1905 (CUNHA, 1994). Jeremias (665-586 A.C.), foi um profeta que figura na mitologia hebraica referenciado como sendo pregador contra os pecados de seu próprio povo, prevendo a ira de Deus sobre eles.

Na narrativa, descreve o massacre em Canudos, na Bahia, envolvendo Antônio Conselheiro, que foi acusado – erroneamente – de fazer parte da estratégia monárquica contra o regime republicano que recentemente havia sido proclamado no Brasil. Durante o episódio, Euclides participou, no ano de 1897, como membro da comitiva do Ministério da Guerra enquanto engenheiro militar e tenente reformado, correspondente e articulista do jornal “O Estado de São Paulo”, a fim de relatar os acontecimentos e fazer uma descrição das condições de geoclimáticas e sociológicas do arraial de Canudos (CUNHA, 2003 [1898]).

Embora já não fosse mais o jovem totalmente empolgado com os ideais da República, pois a devastação brutal de Canudos pelo Exército republicano, do então presidente Prudente de Moraes (1841-1902), levou Euclides a perceber alguns problemas relacionados ao fanatismo patriótico, e que ele viria a denunciar em seu livro (VENTURA, 1993), havia ainda a vontade de transformar os espaços distantes dos interiores do Brasil em civilizados.

A Amazônia se constituía um desses possíveis espaços. Vale destacar a efervescência que caracterizava os meios de comunicação no final do século XIX, com amplo desenvolvimento dos jornais impressos, do telégrafo, e do rádio. No Amazonas, conforme relata Lopes (2020), os jornais impressos nasceram com a finalidade de atender os anseios políticos e econômicos das elites, que se valiam dos discursos republicanos e do positivismo predominante, especialmente no discurso integralista. Lopes destaca ainda a importância da mídia na constituição da identidade amazônica da época.

Sua presença na região ocorreu durante a expedição em que ele foi coordenador para a demarcação das fronteiras entre Brasil e Peru, no estado do Acre, em 1904. Foi nomeado chefe da comissão brasileira, que tinha por meta realizar um reconhecimento cartográfico da área do cabeceira do rio Purus. Os registros estão dispersos em forma de correspondências diversas, em relatórios, em mapas cartográficos, em prefácios de livros, artigos de jornal, livros e depoimentos¹. Contudo, mesmo antes da expedição, o autor já escrevia sobre a região amazônica e indicava que pretendia elaborar seu “segundo livro vingador”, movido pelo desejo nacionalista, onde pretendia desconstruir o ideário idílico que mantinham vivificados os discursos sobre uma Amazônia mitológica e sem nacionalidade (CUNHA, 1994; VENTURA, 1993).

Na Amazônia, durante e após a expedição no Acre, Euclides escreveu muitos artigos sobre diversos aspectos da vida local. Além de sua missão de mediador de conflitos e demarcador de fronteiras (LEÃO, 1966), denunciou as “verdades” em relação aos possíveis “monstros”, ao clima, ao relevo, aos rios e às condições inóspitas pregadas e, principalmente, lançou bases ideológicas para uma gestão do processo de ocupação. Apresentando a situação do que era considerado fronteira, ele informou: “o destino oscila entre extremos invariáveis: ou a extinção completa da nacionalidade, suplantada pela numerosa população adventícia que assume todas as modalidades [...], ou um desdobramento heroico para o futuro, uma entrada atrevida na Amazônia” (CUNHA, 1994, p. 6).

A entrada atrevida se referia ao processo massivo de ocupação, não apenas de colonização espontânea, mas de investimentos em processos civilizatórios que conduzissem ao progresso. No livro “Um paraíso perdido”, que reúne artigos escritos por Euclides sobre a Amazônia, o apresentador da obra, Leandro Tocantins, fala que “Euclides

¹ A Academia Brasileira de Letras (AB) alimenta uma plataforma virtual com a produção acadêmica, as fotografias, correspondências, etc., de Euclides, e também referências de outros materiais produzidos sobre a sua obra. O material específico da missão ao Purus encontra-se no Arquivo do Itamarati e pode ser consultado a partir das referências através do link: <http://www.euclidesdacunha.org.br>

encontrou um outro Brasil que ele fixa em palavras e imagens, como se fosse um escultor, um pintor, a quem não faltasse o generoso solidarismo social.

“Um novo Brasil em que a mestiçagem étnica afirma a presença do homem e sua vitória sobre o meio” (CUNHA, 1994, p. 12). E realmente, as palavras de Euclides configuraram a visão que perdurou por muito tempo sobre a Amazônia, servindo como uma espécie de imagem oficial do “paraíso perdido”, “terra sem História” e “à margem da história”, que são frases de sua autoria e nome de um dos seus livros.

Suas ideias, presentes nos diversos artigos escritos naquela expedição à região do Alto Purus, permitem visualizar seu envolvimento/engajamento na questão central da época: a brasilidade do Brasil, também vistos na obra *Os sertões*. Sua obra pode ser considerada basilar como “mito fundador”, que inaugura a intervenção estatal no período republicano. Inúmeras ações políticas decisivas foram tomadas a partir dos escritos sociológicos e literários e das propostas filosóficas de Euclides da Cunha, desde os acordos do tratado de Petrópolis até investimentos em saneamento, saúde, educação e transporte na Amazônia. Não que Euclides tenha conseguido romper com toda uma tradição de escritos oriundos da colonização e com os mitos sobre monstros e perigos, mas seus discursos e a sua missão trouxeram, ou mesmo já indicavam, um contexto de transformações, que se fortaleceram ao longo daquela metade de século.

Euclides, em diversos textos fez questão de elencar suas críticas aos viajantes que produziam mitos sobre a região. Algumas transformações na forma de olhar para a região já estavam emergindo. Havia certa ânsia por interpretações nacionais e que fossem para além de descrições naturalistas, e nada mais apropriado que o olhar de um dos autores considerado o mais brasileiro dos brasileiros. Aos poucos, em suas experiências e breves incursões foi desafiando as afirmativas quiméricas e fabulosas.

Afirmou que o mito do Eldorado deslumbrante surgiu da fantasia de Walter Raleigh (1552/54-1618); que as “paragens lendárias” são produtos da imaginação de Acunã e dos companheiros de viagem de Orellana. Sobre a viagem de Orellana, Bolle (2010) nos mostra que essa foi uma expedição pioneira descobrimento que serviu como texto fundador da Amazônia, e que já incluía um projeto de colonização pautado na dominação sobre os indígenas.

O relator da expedição intensifica as descrições vantajosas da terra, dos produtos naturais com propriedades medicinais e mercantis e, também, nas possibilidades de encontrar um lugar encantado de onde brotava ouro de um lago. Essas primeiras narrativas incitaram um certo gosto pela futura ocupação da Amazônia, mas se dava por uma via fantasiosa que Euclides pretendia combater.

Por outro lado, Euclides elogia o trabalho cartográfico de Charles Marie de La Condamine (CUNHA, 1994 [1898], p. 21). La Condamine elaborou uma vasta cartografia desde o rio que era chamado de Maranhão até o Peru, passando pelo rio Amazonas, sendo que alguns biógrafos afirmam que ele foi o primeiro a descer o rio Amazonas até chegar em Belém do Pará, entre os anos de 1743 e 1744 (LA CONDAMINE; NOUAILHAT, 1991 [1745]). Pode-se constatar a qualidade e minúcia das descrições do cartógrafo, justificando os elogios de Euclides, e até hoje muitos de seus mapas encontram-se disponíveis on-line na biblioteca Nacional da França, havendo certa proximidade entre o que foi mostrado pelo expedicionário e as cartografias posteriores.

No texto Peru versus Bolívia, Euclides, referindo-se à cartografia peruana, acusa alguns desenhistas e cronistas (Abraham Artelius, Joan Martins, e outros) de produzirem falsos mapas, que indicavam acidentes geográficos inexistentes, terras ermas e amplas, cheias de seres anormais e extravagantes, mostrando que a cartografia era uma forma de enganar tanto os governantes quanto as demais pessoas interessadas nos locais indicados nesses mapas improcedentes (CUNHA, 1970 [1907]). A veemência de Euclides é marcante, e apropriada para o momento em que se pensava tanto controlar as fronteiras quanto estabelecer as bases para o fortalecimento dos processos de colonização.

Se por um lado, Euclides combatia o imaginário de povoamento por seres anormais, por outro, produzia a representação de vazio e desertos humanos. Ventura (2012) considera que o conjunto dos escritos de Euclides revela a imagem central de deserto, tanto para a Bahia quanto para a Amazônia.

Esse deserto significava o isolamento e a ocupação rarefeita, Ventura completa:

É o vácuo, é o hiato, a elipse, o parêntese. Terra de ninguém, lugar da inversão de valores, da barbárie, da incultura. Paragem desolada e sinistra que os viajantes evitavam e que os cartógrafos excluíam de suas cartas. A primeira parte de **A margem da história**, com os ensaios amazônicos, tem justamente o título de Terra sem história (VENTURA, 1993, p. 44, grifo no original).

A figura do sertanejo era muito similar, na Bahia e na Amazônia, um “expatriado em sua pátria” que beiravam o limite da brutalidade. Porém, Euclides via os seringueiros com mais simpatia e, por meio de reportagens em jornais de Manaus e do Rio de Janeiro, denunciou a exploração dos trabalhadores nos seringais apontando que o esquema de exploração/extração da borracha funcionava como uma organização criminosa que aprisionava sem muros, devido ao endividamento dos trabalhadores (VENTURA, 1993).

Além da denúncia da exploração social, Euclides tinha por missão pessoal desfazer os mitos alimentados pelos cronistas e viajantes europeus, ora da exuberância extrema ora

da condição inóspita da Amazônia. Ele mesmo declarou a seu amigo Coelho Neto, em março de 1905, três meses após seu desembarque em Manaus: “num livro, Um paraíso perdido, [...] procurarei vingar a Hiléia maravilhosa de todas as brutalidades que a maculam desde o século XVII. Que tarefa e que ideal!” (CUNHA, 1994, p. 227).

Rumo à Manaus, Euclides passou algumas horas por Belém, no estado do Pará, aos 26 de dezembro de 1904, no museu paraense de História Natural (atual Museu Paraense Emílio Goeldi) em companhia do zoólogo Emilio Goeldi (1859-1917) e do botânico Jacques Huber (1867-1914). Fora uma mediação de contato com a região muito importante, pois ainda era o momento em que o escritor ainda estava vendo a região pelo olhar dos outros (SANTANA, 2000; VENTURA, 1993).

Aquela cidade de ares modernos contrastava com os relatos dos escritores e viajantes europeus e também brasileiros, sobre a incapacidade de “civilização” na Amazônia. Nas palavras de Ventura (1993, p. 44), após esse contato com os estudiosos e após a leitura de textos de Huber, é como se para Euclides “o rio se converteu em “mundo maravilhoso”, que estimulava a imaginação e a expressão artística. “Última página” do Gênese, a Amazônia se oferece ao homem como livro aberto à decifração, cuja escrita ainda não se completou”.

Os seus escritos ficaram repletos dessas noções que na atualidade entendemos falhas, que davam significados de fronteira, de espaços vazios prontos para serem ocupados, que mesmo assumindo o conhecimento dos seringueiros e outras populações, indicava uma preocupação com a ocupação adventícia que deveria ser direcionada, não assumindo os conflitos que desses estímulos adviriam. Essas representações euclidianas foram fundamentais nos projetos de ocupação e colonização que se procederam, tanto nos momentos durante as duas grandes guerras quanto posteriormente. Euclides esteve sempre atento a como a intervenção sobre a Amazônia favoreceria a delimitação das fronteiras em vários sentidos, seja protegendo da invasão de estrangeiros seja ampliando a ocupação que se concentrava nos centros do país.

Conforme admoestou Coelho (2020, p. 469), os escritos de Euclides puderam ser ressignificados inclusive nos períodos militares dos anos 1970, já que “as representações elaboradas pelos intelectuais ligados ao regime militar, assim como pelo próprio presidente Geisel, não são idênticas às que Euclides investiu em seus ‘ensaios amazônicos’”. A produção nos anos 70 se direcionou aos novos projetos de ocupação territorial, porém a partir do “consumo cultural” dos “ensaios amazônicos” na década de 1970 desenvolveu-se uma “outra produção” dos enunciados defendidos pelo autor de Os sertões.

É possível afirmar que, a partir da edição póstuma de Um paraíso perdido (1976), podemos sugerir a abertura para múltiplas leituras e interpretações dos textos euclidianos.

Ainda para Coelho, no mesmo trecho, “a composição dessa obra ofereceu a possibilidade para novas apreensões e manipulações dos enunciados defendidos por Euclides da Cunha, os quais subsidiaram, no campo literário, os projetos de integração da Floresta Amazônica”.

Considerações Finais

Esse texto apresentou elementos da vida e obra de Euclides da Cunha, focando principalmente em seu pensamento e intervenção sobre a Amazônia, discutindo como suas reflexões produziram representações significativas sobre a região e também possibilitaram debates nas diferentes áreas das ciências e da filosofia brasileira. Por meio de revisão de textos, do próprio autor e de seus comentaristas, foi possível apresentar alguns dos efeitos da obra do autor, que teve breve passagem pela região.

Diferentemente dos escritos sobre fronteiras e história dos países, a descrição que Euclides fez não se baseou fundamentalmente em documentos, algo que tornava vulnerável a “cientificidade” de suas constatações. Em contrapartida, seus escritos são repletos de sua experiência, que são a expressão de memórias de quem viu, de quem esteve lá nos “interiores”, tanto da Bahia quanto da Amazônia.

A força política e interpretativa de sua obra esteve justamente nesse descrever e interpretar o que ainda era desconhecido, não relatado, mas que fora visto e muito bem registrado em diários e anotações, em cartas a particulares, etc., que fortaleceram a legitimidade de suas palavras. Ao narrar os tempos e espaços distantes, Euclides produziu as imagens de que a ruptura temporal entre sertão e litoral poderia ser desfeita no futuro, sendo necessário acelerar o tempo do sertão, fazer com que os personagens atrasados, sejam os jagunços ou os seringueiros, avançassem e fossem conduzidos ao progresso. Como lembrou Nicolazzi, o hiato entre sertão e litoral era também um corte entre civilização e barbárie.

O futuro poderia ser acelerado nesses espaços longínquos pelos processos de transformação, seja das condições físicas do ambiente, de seus isolamentos, e principalmente das condições morais arcaicas que colocavam os sertanejos como prisioneiros em sua própria pátria.

Portanto, a abertura narrativa e interpretativa que Euclides fez da Amazônia foi fundamental para uma transformação na forma de interpretar e intervir sobre a Amazônia em décadas posteriores, com inúmeros desdobramentos em projetos de intervenção sobre os “sertões” apresentados pelo intelectual, inclusive, sendo ressignificado e até mesmo de

certo modo desvirtuado durante as investidas de ocupação amazônica no período militar dos anos 1960 em diante no Brasil.

Referências

BIBLIOTECA NACIONAL. **“Exposição comemorativa do centenário de nascimento de Euclides da Cunha: 1866-1966”**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1966.

BOLLE, Willi. A travessia pioneira da Amazônia (Francisco de Orellana, 1541-1542). In: BOLLE, W.; CASTRO, E.; VEJMEKKA, M. (Ed.). **Amazônia, região universal e teatro do mundo**: como a maior floresta do mundo pode determinar os rumos do planeta e a sobrevivência da espécie humana. São Paulo: Editora Globo, 2010.

COELHO, George Leonardo Seabra. A Amazônia euclidiana e os programas de integração da hileia durante o governo Geisel (1974-1979). **Tempo**, v. 26, n. 2, 2020, p. 454–472. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2020v260209>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CUNHA, Euclides da; FABIO, R. **Euclides da Cunha**: uma poética do espaço brasileiro. Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional, de agosto a outubro de 2009. [s.l.]. Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Canudos**: diário de uma expedição. [s.l.] Editora Martin Claret, 2003.

CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha**: um paraíso perdido (Ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia). Organização, introdução e notas TOCANTINS, L. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha**. Obra completa. Organizada sob a direção de Afrânio Coutinho..., 1: Introdução geral. Ensaio, estudos e artigos. Crônica. Poesia. Números e diagramas. Ensaio e estudos críticos, literários e biográficos de Olímpio de Sousa Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Araripe Júnior... [etc.]. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1966.

CUNHA, Euclides da. **Peru versus Bolívia [1907]**. 3. Ed. [publicada com a] colaboração do governo do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 1970.

FREYRE, Gilberto. **Perfil de Euclides e outros perfis (1944)**. 3. ed. São Paulo: Global, 2011.

GOMES, Gínia Maria. **Euclides da Cunha**: literatura e história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de; NOUAILHAT, Alexis. **En descendant la rivière des Amazones**: 1743-1744. Paris: Épigones, 1991.

LEÃO, Velloso. **Euclides da Cunha na Amazônia, ensaio**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

LIMA, Luiz Costa. **Euclides da Cunha**: contrastes e confrontos do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobras, 2000.

LOPES, Rafael de Figueiredo. Entre ausências e emergências: imaginários sociais, representações midiáticas e jornalismo na Amazônia. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 16, e10231, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.18764/2446-6549.2019.10231>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

NICOLAZZI, Fernando. À sombra de um mestre. Gilberto Freyre leitor de Euclides da Cunha. **História [online]**, v. 29, n. 1, p. 254–277, 2010.

REALE, Miguel. **Filosofia e teoria política**. Saraiva Educação SA, 2017.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 6, p. 901–917, 2000.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. **Caderno de Estudos Culturais**, v. 3 n. 6, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4537>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha. **Remate de males**, Campinas, v. 13, p. 41–46, 1993.

Como citar:

ABNT

CLAUDINO, L. S. D. Um paraíso perdido na fronteira: representações e intervenções de Euclides da Cunha que marcaram a Amazônia brasileira. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 10, n. 02 (ed. esp.), e22718, 2024. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e22718>>. Acesso em: 16 dez. 2024.

APA

Claudino, L. S. D. Um paraíso perdido na fronteira: representações e intervenções de Euclides da Cunha que marcaram a Amazônia brasileira. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 10, n. 02 (ed. esp.), e22718, 2024. Recuperado em 16 dezembro, 2024, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e22718>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2024, Universidade Federal do Maranhão.

